

RÓTICOS: UMA “po[h,r,ʀ]ta” ENTRE PARAIBANOS E PAULISTANOS

RHOTICS: A “po[h,r,ʀ]ta” BETWEEN SPEAKERS FROM
PARAÍBA AND FROM SÃO PAULO

DERMEVAL DA HORA
Universidade Federal da Paraíba
CNPq/CAPES¹, Brasil
ho_ra@hotmail.com

LEO WETZELS
Vrije Universiteit
Amsterdam, Holanda
wlm.wetzels@let.vu.nl

Os estudos da variação sociolinguística envolvem três grandes componentes: restrições estruturais, restrições sociais e restrições estilísticas. As duas primeiras têm sido as mais perseguidas nos estudos desenvolvidos no Brasil. A última, entretanto, pouco tem chamado a atenção. Valendo-nos de um aspecto estrutural do Português Brasileiro (PB), o rótico em posição de coda, avaliaremos como falantes paraibanos, que usam preferencialmente a forma aspirada -[h], se acomodam ao falar paulistano, à medida que entram em contato com outra variante, o tepe -[r], e qual o nível de consciência em relação a essa última. Aliado a isso, procuraremos avaliar se a mudança de estilo interfere no uso de uma ou outra variante. De um lado, apresentaremos resultados relativos ao uso do rótico na Paraíba, e, de outro lado, avaliaremos falantes paraibanos residentes em São Paulo, há mais de cinco anos, para entender o processo de mudança atrelado a estilos diferenciados.

Palavras-chave: rótico, estilo, variação linguística.

Sociolinguistic variation involves three major conditioning parameters: structural, social, and stylistic. The first two have been the subject of much debate in recent sociolinguistic studies in Brazil. However, the last parameter has been given much less attention. In this study we will address the existing variation in the realization of the rhotic sound /R/ in coda position. We will

Recibido
05/10/10
Aceptado
10/11/10

¹ Trabalho realizado durante período de Estágio Sênior na Vrije Universiteit (Processo BEX 3612/09-7-CAPES), tendo como supervisor Leo Wetzels (NWO grant number 040.11.176). É um trabalho que também resulta de uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o Programa de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), financiado pelo CNPq, Proc. 620020/2008-3.

evaluate how speakers from the state of Paraíba, who normally use the aspirated variant [h], accommodate to the variant of Brazilian Portuguese spoken in São Paulo, where the coda /R/ is usually realized as the tap [r], and to what extent these speakers are aware of the difference between their own realization of /R/ and the way the Paulistanos pronounce it. Connected to this issue, we will examine whether a change in style allows to predict the use of one or the other of these variants. We will consequently discuss the use of the rhotic in Paraíba and observe the speech of speakers from Paraíba that have been living in São Paulo for more than five years, in order to see to what extent their realization of the rhotic is linked to different styles.

Key words: rhotic, style, language variation.

0. INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos desenvolvidos por William Labov, a partir da década de 60 do século XX, foram fundamentais para que outros estudos fossem realizados em diferentes partes do mundo, incluindo o Brasil. Todos esses estudos, diferentemente daqueles de base dialectológica, se voltaram para grandes populações urbanas. Ao longo deste tempo, procurou-se descrever e analisar fenômenos linguísticos com comportamento variável, estabelecendo-se correlação entre restrições sociais e estruturais. A partir de uma estratificação socioeconômica das variáveis, os estudos realizados procuraram estabelecer padrões regulares.

Olhando a variação como um recurso para a construção do significado social na língua, estudos, nos últimos anos, se voltam para uma terceira restrição que tem como foco o estilo.

Definido de forma bem clara em Labov (1966), o estilo norteia os instrumentos de coleta de dados, procurando separar o uso da língua em seus aspectos formais e informais. Do lado formal, teremos a fala mais monitorada e mais cuidada. Do outro informal, teremos a fala mais casual. Esta é a perspectiva laboviana sobre o estilo, mas não é a única.

Valendo-nos de um aspecto estrutural do Português Brasileiro (PB), o rótico em posição de coda, em casos como ‘por[h]ta’ ~ ‘po[r]ta’, ‘ma[r]’ ~ ‘ma[ø]’, avaliaremos como falantes paraibanos, que usam preferencialmente a forma aspirada -[h] se acomodam ao viverem em São Paulo (capital), à medida que entram em contato com outra variante, o tepe -[r], e qual o nível de consciência em relação a essa última. Aliado a isso, procuraremos avaliar se a mudança de estilo interfere no uso de uma ou outra.

Nossa hipótese central é a de que o falante paraibano que reside em São Paulo, ao ser monitorado, altera o uso do rótico, mudando-o de aspirado para tepe, por entender ser este último marca de prestígio.

Para uma melhor compreensão do estudo, apresentaremos resultados relativos ao uso do rótico na Paraíba, dados obtidos a partir do Projeto Variação Linguística na Paraíba–VALPB (Hora 1993) e avaliaremos falantes paraibanos residentes em São Paulo há mais de cinco anos, para entender o processo de mudança atrelado a estilos diferenciados. Esses últimos dados foram levantados por Ronald Beline Mendes e equipe.

Como o estilo tem sido objeto de muitas discussões a partir da proposta de Labov (1966), entendemos ser de fundamental importância apresentar informações sobre outras propostas veiculadas na literatura. A esse respeito levantamos a seguinte questão de pesquisa e que nos propomos a responder: pode apenas uma perspectiva sobre o “estilo” dar conta dos dados de que dispomos?

O artigo está assim estruturado: na seção 1, trataremos das diferentes propostas de estilo; na seção 2, apresentaremos a descrição do rótico no falar paraibano por falantes que vivem na Paraíba; na seção 3, trataremos do uso do rótico por falantes paraibanos que vivem em São Paulo; e na seção 4, avaliaremos os dados de que dispomos, descritos nas seções 2 e 3.

1. ABORDAGENS SOBRE O ‘ESTILO’

Nesta seção, discutiremos algumas propostas que tratam da restrição estilo. Inicialmente, apresentaremos a proposta laboviana (Labov, 1966), em seguida, a proposta de Alan Bell (1984), com suas diferentes nuances, incluindo o que acrescentam Finegan e Biber (1994), e, por último, a proposta de Eckert (2000).

1.1. Atenção prestada à fala: visão laboviana

Como sabemos, o grande responsável pelos estudos variacionistas de base quantitativa é W. Labov, e é em seu estudo de 1966 sobre o falar de New York City onde vamos encontrar as primeiras bases teóricas e metodológicas para estudo do estilo.

Ao selecionar a comunidade de New York como foco de seu estudo, Labov, utilizando uma amostragem aleatória que fosse representativa, percebeu a necessidade de formalizar um instrumento que permitisse

a comparação entre os seus resultados. Valendo-se da entrevista como meio formal e estruturado, já de início ele percebe um possível paradoxo. Se o foco é a língua espontânea do falante para análise, como obtê-la se o instrumento de coleta é formal?

Fundamental para Labov é a noção do vernacular do falante, ou seja, a fala mais natural, aquela que surge quando o falante não a monitora.

Pensando nisso é que, na própria entrevista, ele estabelece níveis de formalidade ou informalidade na obtenção dos dados, que permitem avaliar possíveis indícios de mudança na língua quando o estilo é alterado. Assim, ele esboça a entrevista sociolinguística de forma que possa obter do falante, tanto quanto possível, uma fala que vá da mais casual a mais formal.

Para Labov, a atenção prestada à fala está no centro da proposta. A fala casual é facilmente detectada em situações em que o falante não a esteja monitorando, como nas ruas, nos bares, na praia. O mesmo não acontece em uma situação de entrevista formal, que define um contexto de fala, onde, em geral, apenas um estilo ocorre, o estilo denominado de fala cuidada. Então, a metodologia utilizada para amenizar o grau de formalidade que, por si só, caracteriza a entrevista é decisiva.

Considerando a fala cuidada como o estilo mais simples de ser definido dentro de uma entrevista, Labov utiliza algumas estratégias: estilo de leitura, lista de palavras, pares mínimos. Todas estas estratégias implicam que o falante preste mais atenção à maneira como utiliza a língua. Para obter uma fala menos monitorada e mais casual, ele estabelece situações contextuais em que o falante possa estar menos atento a sua própria fala. Para isso, vale controlar aspectos como: fala com uma terceira pessoa, fala não relacionada às questões estabelecidas, questões voltadas para hábitos da infância e o mais conhecido “perigo de morte”. Nesses dois últimos casos, como podemos ver, o fundamental é o tópico; ao manipulá-lo, ele parte da hipótese de que alguns tópicos podem desviar a atenção do falante em relação à fala.

Como observa Coupland (2007: 7), Labov entende que a variação linguística pode ser detectada quando as pessoas falam ‘menos cuidadosamente’ em alguns pontos da entrevista mais do que em outros pontos. Quando elas estão mais relaxadas, elas utilizarão traços do vernacular com maior frequência.

Segundo Rickford e Eckert (2001: 3), o estudo de Labov (1966) estabelece uma forte ligação entre o indivíduo e a comunidade –entre o linguístico, o cognitivo e o social. Ele demonstrou que o uso das variáveis sociolinguísticas é estratificado socioeconomicamente, e que a variedade estilística de cada falante cobre um *continuum* do uso na matriz socioeconômica. Ao colocar o prestígio na parte mais alta da hierarquia socioeconômica e o estigma na parte mais baixa, Labov caracterizou cada *continuum* estilístico do falante em relação a esses dois polos. Ele viu o prestígio da variedade do falante como o resultado da fala formal, cuidada, e o estigma como o resultado da fala casual, não monitorada. Portanto, a atividade estilística do falante estava diretamente ligada a sua posição na hierarquia socioeconômica e nas estratégias utilizadas.

Ainda para os autores, enquanto a noção de prestígio desempenha um importante papel no trabalho de Labov sobre estilo, é a atenção prestada à fala que ele coloca como foco, presumivelmente porque a atenção é o mecanismo cognitivo que liga o social aos fatores linguísticos.

O estudo sobre a variação estilística em New York City é considerado um dos mais importantes construtos na área. Apesar de sua importância, o estilo deixou de ser o foco das pesquisas quantitativas na década seguinte, e isto, segundo Rickford e Eckert (2001: 3) se deve, parcialmente, (a) ao questionamento sobre a atenção prestada à fala como foco da pesquisa; (b) à dificuldade operacional de separar a fala casual da fala cuidada a partir das situações contextuais; e (c) ao fato de os pesquisadores se voltarem mais para as restrições linguísticas e sociais ligadas à variação.

No caso do Brasil, a justificativa (c) é a mais plausível. O foco das pesquisas realizadas a partir dos dados de projetos como PEUL, VARSUL, VALPB é sempre o linguístico e o social.

A partir de Labov, outras propostas surgiram. São elas que procuraremos apresentar, de forma sintética, na seção 2.

2. AUDIENCE DESIGN: A PROPOSTA DE ALAN BELL E OUTRAS

As décadas seguintes ao trabalho seminal de Labov, que apresenta uma proposta teórica e metodológica sobre estilo, presenciaram uma mudança de foco. Estudos voltados para a teoria da acomodação,

principalmente os desenvolvidos por Howard Giles e colegas, procuraram mostrar, dentre outras coisas, a importante influência sobre o estilo da língua, condicionando-o à orientação do falante e à atitude em relação ao destinatário. Outros estudos avaliaram o efeito do destinatário e da “audiência” sobre a variação.

Alan Bell (1984) seguiu esses estudos, colocando a “audiência” como o centro da produção estilística.

Segundo Bell (1984: 158), qualquer modelo de mudança de estilo deve considerar que a variação intrafalante deriva e reproduz a variação entre falantes. A primeira é uma resposta à última. Para ele, apenas um único tipo de modelo pode satisfatoriamente considerar a mudança de estilo. Tal modelo, de acordo com o autor, é latente em muitos estudos de variação e explícito em outras vertentes da sociolinguística, como na etnografia da comunicação.

A fim de justificar seu foco no ouvinte, Bell afirma que os sociolinguistas estão acostumados a correlacionar a dimensão social da variação linguística a características sociais mensuráveis de uma pessoa –o falante– como ‘classe social’, ‘idade’ etc. Porém, se a dimensão estilística é derivada da dimensão social, poderíamos também correlacionar a dimensão estilística aos atributos da pessoa. E, nesse caso, eles seriam os atributos, não do falante, mas do ouvinte. Com base nisso, ele afirma que sua proposta “audience design” é elegantemente simples.

Ela considera que o falante ao modelar a sua fala leva em conta o ouvinte, ou seja, a sua “audiência”, que é constituída não só do destinatário, a segunda pessoa, mas de outras terceiras pessoas. O destinatário, a segunda pessoa, é conhecido e ratificado, os demais não precisam ser, necessariamente ratificados. Os interlocutores que são conhecidos e ratificados, ele chama de “auditors”. Aqueles que o falante sabe que estão lá, mas que não são participantes ratificados, são os “overhearers”. Outros cuja presença é desconhecida são os “eaves-droppers”. De forma sintética, a audiência é assim composta:

- Addressee – ouvintes que são conhecidos, ratificados e “addressed”
- Auditor – ouvintes que não são diretamente “addressed”, mas que são conhecidos e ratificados
- Overhearer – ouvintes não ratificados, mas que o falante tem consciência
- Eavesdropper – ouvintes não ratificados e o falante não tem consciência

Esses quatro papéis da audiência estão implicacionalmente ordenados de acordo com o fato de eles serem ratificados e conhecidos, obedecendo a uma hierarquia, cada um tendo seu papel, que é atribuído pelo falante, e seu grau de saliência para a modelagem do estilo do falante é relativo à distância do papel. Para Bell (1984), isto tem duas consequências relacionadas para a variação sociolinguística – uma qualitativa e outra quantitativa.

Do ponto de vista qualitativo, ele defende que há uma escala implicacional, segundo a qual uma variável mostrará variação segundo os papéis da audiência. Do ponto de vista quantitativo, sua hipótese é de que o efeito de cada papel sobre a variação linguística é menor do que o efeito do papel mais próximo do falante.

Bell (1984) também vai defender em sua proposta que a influência aparente da mudança de tópico se deve à associação dos tópicos aos tipos de “audiência”. Uma vez que nem todas as mudanças estilísticas são respostas óbvias aos participantes presentes, ele defende que o efeito de grupos de referência ausentes, denominados por ele de “referees” é fundamental, e pode, sim, ter influência na variabilidade da língua, pelo fato de estarem presentes na mente do falante.

Finegan e Biber (1994: 339) creditam a Bell a explicação sobre a relação entre variação estilística e variação social, mas não a sistematicidade interna de cada categoria. Para eles, a explicação é funcional e defendem que “a variação social do dialeto depende da variação do registro, e a variação do registro é formada por restrições comunicativas inerentes a situações específicas”.

Onde Bell focalizou a audiência, Finegan e Biber focalizaram a *situação* mais ampla, e buscaram estabelecer uma ligação das próprias variáveis às situações em que elas eram usadas e, finalmente, à hierarquia socioeconômica. Eles começaram com o argumento de que variáveis estratificadas socialmente tendem a envolver algum tipo de redução ou simplificação e que a complexidade da forma linguística se correlaciona com o status socioeconômico. Eles defendem que as formas linguísticas mais complexas são usadas em situações mais “letradas”, como uma função, tanto das tarefas que estão sendo consideradas nessas situações como da falta relativa de contexto compartilhado. Eles, então, atribuem a estratificação social do uso da língua à estratificação do acesso a esses tipos de situação.

(Rickford e Eckert 2001: 4)

Para Rickford e Eckert (2001: 4), a proposta de Alan Bell não só introduziu uma visão coerente de mudança de estilo, mas também integrou uma variedade mais ampla de descobertas sociolinguísticas anteriormente díspares, e colocou novas generalizações e previsões teóricas testáveis sobre a relação entre a variação estilística e a social.

Voltando a colocar o foco nos falantes, Coupland (1980) enfatiza as dimensões sociais de estilo e trata a dimensão estilística da variação como uma apresentação dinâmica do “eu”. Ele deixa de focalizar o uso cumulativo de variáveis por falantes ou grupos de falantes, e centra no uso estratégico das variáveis no discurso. As variáveis, para ele, não devem ser selecionadas com base no seu aparente significado social nem no que elas representam para a estrutura linguística e mudança. Ele defende que a tendência de colocar o foco em variáveis individuais abstrai o que os falantes percebem como estilo.

Tais ideias contribuíram para uma nova visão de estilo, e elas têm sido objeto dos estudos de variação. Eckert (2000) e outros têm explorado o papel da variação na construção ativa dos estilos pessoais e de grupos, vendo as variáveis individuais como recursos que podem funcionar na construção de novas personalidades.

2.1. Penelope Eckert: as três “Ondas” que envolvem os estudos variacionistas

Os anos 60, com as pesquisas desenvolvidas por Labov, marcam a gênese de estudos linguísticos com ênfase em processos variáveis, sob a influência de fatores sociais, de forma mais sistemática. Não se pode esquecer que trabalhos esparsos, considerando tais fatores, no passado, já enfatizavam tal influência.

Em 1968, o clássico texto de Weinreich, Labov e Herzog vai desencadear uma onda de estudos na área procurando perseguir a noção de heterogeneidade ordenada. A proposta teórica apresentada pelos três autores tem como um dos pontos centrais na questão da mudança a resolução de cinco problemas: restrições, transição, implementação, encaixamento e avaliação. Entende-se que, para este Projeto, todos os problemas devam ser perseguidos.

Os estudos quantitativos realizado à luz da proposta variacionista constituem o que Eckert (2005) classifica como “primeira onda”. Tais estudos usam o modelo quantitativo para examinar a relação entre

variabilidade linguística e restrições sociais, a exemplo de sexo, idade, classe social, etnia.

O foco nesses estudos está em capturar o vernáculo, procurando encontrar os padrões na fala não consciente e também a fonte da mudança linguística regular.

De forma sintética, a primeira onda assim se caracteriza:

- estudo de comunidades geograficamente definidas;
- hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social;
- variáveis como marcadores de categorias sociais primárias, conduzindo traços de prestígio/estigma;
- estilo como atenção prestada à fala, e controlado por orientação relativa ao prestígio/estigma.

Neste estudo, os dados coletados na Paraíba (VALPB) refletem esse momento que Eckert denomina de primeira onda.

Outro momento que norteia os estudos sociolinguísticos diz respeito ao que se chama de “segunda onda” (Eckert 2005), caracterizado pelos estudos etnográficos. Estes têm como foco comunidades menores e objetivam identificar categorias sociais que são salientes na comunidade. Os estudos etnográficos mostraram como as formas de falar estão carregadas com o significado local.

A segunda onda, para Eckert, estabeleceu uma conexão com a primeira onda e a dinâmica local, e assim se caracteriza:

- estudos etnográficos de comunidades definidas geograficamente;
- categorias locais como links para as demográficas;
- variáveis como categorias de indexação localmente definidas;
- estilo como atos de afiliação.

Os dados coletados em São Paulo, voltados para um grupo específico, paraibanos aí residentes, espelham essa proposta.

A “terceira onda” focaliza o significado social das variáveis. Ela vê o estilo, mais do que as variáveis, como associado diretamente às categorias identitárias, e explora as contribuições das variáveis para os estilos. Assim, ela parte da abordagem baseada no falar das duas primeiras ondas, e vê as variáveis como localizadas em comunidades de práticas. Uma comunidade de prática, segundo Eckert (2005: 16) é um agregado de pessoas que, reunidas de forma regular, se engajam em alguma iniciativa (uma família, uma classe linguística, um time esportivo, mesmo uma pequena vila). Ao longo do engajamento, a

comunidade de prática desenvolve práticas. E essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada para o mundo ao seu redor –uma definição tácita delas mesmas em relação ao outro, e em relação a outras comunidades de prática.

Para a autora, o indivíduo não existe isolado da matriz social, mas a ela está ligado através de formas estruturadas de engajamento. O indivíduo constrói uma identidade –um sentido de lugar no mundo social– equilibrando a participação em diferentes comunidades de prática, e em formas de participação em cada uma dessas comunidades. E a chave para este processo inteiro de construção é a prática estilística.

Até agora, nos estudos de variação, o estilo tem sido tratado como ajustamentos situacionais do falante no uso de variáveis individuais. O outro lado do estilo é como os falantes combinam variáveis para criar formas distintivas de falar. Estas formas de falar são uma chave para a produção das *personae*, e as *personae*, por sua vez, são tipos sociais particulares que se localizam de forma explícita na ordem social. Ao estudar indivíduos, geralmente, os linguistas se impacientam. No entanto, os indivíduos constituem algo muito importante sobre os quais temos que aprender, e só na comunidade de prática é que se pode entender sua prática individual. Por sua vez, o estudo etnográfico que busca fornecer explicações para padrões de variação maiores deve selecionar comunidades de prática que são de grande valor para esses padrões.

Uma vez que a “terceira onda” toma o significado social como primário, ela examina não só as variáveis que são de interesse primário para os linguistas, mas qualquer material linguístico que sirva como um propósito social/estilístico. E na mudança, ela desloca o foco das categorias do falante para a construção da *persona*.

Quando pensamos sobre a relação entre variação e grupos sociais, geralmente não são identificadas variáveis individuais. O significado da variação está em seu papel na construção dos estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente localizar variáveis nos estilos, mas em entender esta localização como uma parte integral da construção do significado social.

A terceira onda, então, leva o estudo da variação para uma nova direção. Mais do que definir a variação em termos dos falantes que

usam as variáveis, ela busca os significados que motivam desempenhos particulares.

A terceira onde pode ser assim caracterizada:

- estudos etnográficos das práticas das comunidades;
- categorias locais resultantes da construção de estâncias comuns;
- indexação de variáveis a estâncias, atividades, características;
- estilo como construção da *persona*.

Avaliar a fala dos paraibanos em contato com paulistanos possibilita aplicar o que a terceira onda define.

Segundo Rickford e Eckert (2001: 5), essas visões sobre estilo não são contraditórias ou mutuamente exclusivas. Considerá-las nos estudos variacionistas leva-nos a pensar que a língua deixa apenas de refletir o social, para, enfim, criá-lo.

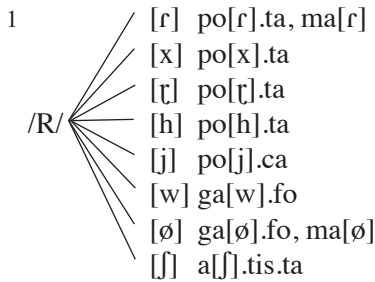
O que questionamos em relação a essa concepção é se o mesmo conjunto de dados pode ser utilizado para uma avaliação considerando todas elas ou se precisamos usar uma metodologia diferenciada, dependendo de qual perspectiva abordaremos o estilo.

Feitas essas considerações sobre “estilo”, na seção 3, apresentaremos uma visão acerca do objeto de estudo, o rótico, caracterizando-o segundo seu uso na comunidade paraibana de João Pessoa.

3. COMPORTAMENTO DOS RÓTICOS EM POSIÇÃO DE CODA, NO BRASIL E, PARTICULARMENTE, EM JOÃO PESSOA-PB

Em estudo apresentado por Hora e Monaretto (2003), são enumerados inúmeros estudos que trataram do rótico no Brasil. Alguns deles não seguindo uma perspectiva variacionista, e outros que a seguem.

Nem todos esses trabalhos, principalmente os primeiros, resultam de um estudo sistemático, muitas vezes anotações de viagens; os últimos, entretanto, seguem uma proposta metodológica com o objetivo de descrever como os róticos se distribuem nas comunidades pesquisadas. O que depreendemos em termos do comportamento desses segmentos é que há uma diversidade muito grande de ocorrência em termos do Brasil como um todo. Assim, é possível estabelecermos as diferentes variantes, na posição de coda, seja interna ou final, apresentadas em (1):



Essas variantes não se distribuem de forma igual por todo o Brasil. A variante tepe [r], por exemplo, é mais produtiva no sul e parte do sudeste (Monaretto 1992, 1997); a velar [x] é mais frequente no Rio de Janeiro (Callou, Moraes e Leite 1996); a retroflexa [ɾ], no interior de São Paulo (Leite 2004); a aspirada [h] é muito produtiva no nordeste (Skeete 1996); e a palatal [ʃ] está presente, principalmente, no Piauí (Carvalho 2008). É uma distribuição, aparentemente diatópica, mas que está atrelada, obviamente a questões sociais e linguísticas. As variantes semivocalizadas [j] e [w], por exemplo, são encontradas na Paraíba, mas circunscritas a falantes de nenhuma ou de poucos anos de escolarização. O caso da variante [∅] perpassa todo o território nacional, pelo menos o que já foi pesquisado, e está atrelada, de um lado, à posição final; de outro, à categoria gramatical, uma vez que verbos e nomes produtivamente apagam-na.

Em linhas bem gerais, esse é o quadro do comportamento do rótico no Brasil. Obviamente com a omissão de muitos detalhes, que merecem ser consultados nos textos específicos citados.

Como nosso objetivo é avaliar o uso dos róticos por falantes paraibanos que vivem em São Paulo, entendemos ser pertinente descrever como essa variável se comporta na comunidade de origem, para que melhor possamos avaliar o que resulta do contato com outra variante, aquela mais produtiva em São Paulo, no caso, o tepe [r]

Os dados dessa análise são oriundos do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba–VALPB (Hora 1993), estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização. Foi considerada por Skeete (1996) a ocorrência do rótico tanto na posição de coda interna como de coda externa. De um total de 9.859 ocorrências, 7.225 foram de realizações aspiradas [h], 360 de retroflexas [ɾ], 67 de tepes [r], 33 de semivogais [j] ou [w] e 2.174 apagamentos. Na Tabela 1, apresentamos as variantes, seu número de ocorrência e percentagem correspondente.

Variantes	Ocorrências	%
R1 [r]	67	1
R2 [h] ou [x]	7.225	73
R3 [ø]	2.174	22
R4 [ʀ]	360	4
R5 [j] ou [w]	33	0
TOTAL	9.859	100

Tabela 1. Número e percentagem de ocorrências de cada variante

O que depreendemos dos resultados obtidos é que a variante aspirada é a mais produtiva, seguida pelo zero fonético ou apagamento, e, por último, temos a retroflexa, o tepe e as semivocalizadas. Para efeito de análise, reuniremos todas elas em três conjuntos. No primeiro conjunto, teremos o tepe e as demais de pouca produtividade; no segundo conjunto, as fricativas, e que rotularemos de aspirada, por esta ser a mais frequente, e, por último, isoladamente, o zero fonético. O Gráfico 1 ilustra muito bem essa distribuição.

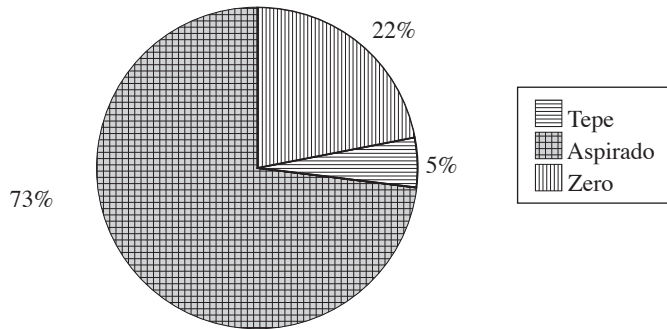


Gráfico 1. Distribuição das variantes do rótico

Para este estudo, é importante destacar que a variante mais produtiva entre os paraibanos é a aspirada, incluído a velar, com 73% de uso, principalmente em posição interna, seguida do zero fonético com 22% e o tepe, que engloba a retroflexa e as semivocalizações com 5%. É, portanto, a variante aspirada que deve ser levada por falantes paraibanos ao se deslocarem para outras comunidades, incluindo, por exemplo, para São Paulo.

Como as três variantes apresentadas no gráfico se distribuem na Paraíba é o que mostraremos nas tabelas seguintes, a partir de resultados estatísticos obtidos com o uso do pacote de programas VARBRUL, que selecionou as três restrições sociais –sexo, faixa etária e anos de

escolarização– e uma restrição linguística –o contexto fonológico seguinte.

No que concerne ao sexo, os resultados apresentados na Tabela 2 levam-nos a constatar que, entre falantes de sexo masculino, a variante tepe é a mais recorrente (.49). Já entre as do sexo feminino, as variantes aspirada (.40) e zero fonético (.39) são as mais produtivas.

Sexo	Tepe			Aspirada			Zero fonético		
	Apl/Total	%	P.R.	Apl/Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
Masculino	349/5045	7	.49	3536/9045	70	.25	1160/5045	23	.26
Feminino	111/4814	2	.21	3689/4814	77	.40	1014/4814	21	.39

Tabela 2. Variável: Sexo

Segundo Chambers (1995), nos estudos sociolinguísticos que incluem uma amostra de homens e mulheres, há evidência de que as mulheres usam menos as variantes estigmatizadas e não padrão do que os homens do mesmo grupo social nas mesmas circunstâncias. Para a comunidade em pauta, o que podemos concluir é que as mulheres ratificam o uso mais geral da comunidade, tanto em relação à forma aspirada quanto em relação ao zero fonético, conforme vimos no Gráfico 1. Como o uso dos róticos não obedece a um padrão nacional, já que ele é bem diversificado entre as regiões, o que os falantes do sexo feminino ratificam é o padrão local; a inovação, portanto, estaria a cargo dos falantes do sexo masculino.

Quanto aos anos de escolarização, os resultados obtidos, conforme Tabela 3, são bem relevantes. Falantes com até quatro anos de escolarização favorecem o uso do tepe (.65), falantes com mais de nove anos de escolarização favorecem o uso da variante aspirada (.62). A variante zero fonético se distribui de forma bastante regular entre os três níveis de escolarização.

Anos de Escolarização	Tepe			Aspirada			Zero fonético		
	Apl/Total	%	P.R.	Apl/Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
Nenhum	297/1491	20	.65	772/1491	52	.10	422/1491	28	.25
5 a 8	138/4699	3	.31	3500/4699	74	.37	1061/4699	23	.32
+ de 9	25/3669	1	.11	2953/3669	80	.62	691/3669	19	.27

Tabela 3. Variável: Anos de escolarização

O fato de falantes com mais anos de escolarização utilizarem a variante aspirada, leva-nos a pensar que esta variante goza de prestígio na comunidade. O mesmo não acontecendo com as variantes que são rotuladas como tepe (tepe, retroflexa e semivocalização). É interessante observarmos que são também os informantes do sexo feminino os que favorecem o uso da variante aspirada. Isto confirma o que a literatura apresenta sobre tais informantes, que tendem a utilizar a forma de prestígio.

Por último, temos a terceira variável social selecionada, que foi a faixa etária. A Tabela 4 nos mostra que os mais jovens (.52) e adultos (.42) são os que favorecem o uso das formas aspirada e zero fonético, respectivamente.

Faixa Etária	Tepe			Aspirado			Zero fonético		
	Apl/Total	%	P.R.	Apl/Total	%	P.R.	Apl/Total	%	P.R.
15-25	5/2993	0	.06	2393/2993	80	.52	595/2993	20	.42
26-49	97/3355	3	.42	2461/3355	73	.25	797/3355	24	.33
+de49	358/3511	10	.54	2371/3511	68	.13	782/3511	22	.12

Tabela 4. Variável: Faixa etária

A observação dos resultados da Tabela 4 nos faz supor que estamos diante de dois usos que se distribuem de forma estável na comunidade, estando o zero fonético muito mais condicionado à posição final da palavra, e a variante aspirada mais circunscrita ao interior da palavra. Tal afirmação pode ser verificada em Skeete (1996), ao tratar os dados relativos à posição da coda.

O que podemos depreender dos resultados obtidos com as três restrições sociais é que as formas aspiradas e zero fonético representam o padrão para a comunidade.

Analisando a restrição linguística “contexto fonológico seguinte”, selecionada como a mais significativa pelo programa, observamos que tal contexto é fundamental na seleção da variante, como pode ser observado em (2a) e (2b).

2	a	b
	po[h].ta	anda[ø]
	transpo[h].te	escreve[ø]
	bo[h].da	parti[ø]
	fo[h].ca	temo[ø]
	ca[h].go	ma[ø]
	a[h].ma	márti[ø]

Os resultados apresentados na Tabela 5 espelham tais ocorrências.

Contexto fonológico seguinte	Tepe			Aspirado			Zero		
	Apl/Total	%	P.R.	Apl/Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
[-cont] “força”	421/8289	5	.30	7047/8289	85	.68	821/8289	10	.02
[+cont] “força”	39/1570	2	.07	178/1570	11	.03	1353/1570	86	.90

Tabela 5. Contexto fonológico seguinte

Por questões operacionais, fizemos uma oposição entre contexto fonológico seguinte com traço [-cont] e contexto fonológico seguinte com traço [+cont]. Em (3a) e (3b), encontramos as diferentes ocorrências.

3	a	b
	[-cont]	[+cont]
	por.ta	gar.fo
	cor.da	cer.veja
	cor.po	for.ça
	car.ga	vár.zea
	ar.ma	mar.cha
	or.la	gor.jeta

Como os próprios resultados da Tabela 5 demonstram, quando o contexto fonológico seguinte é preenchido por um segmento que tem o traço [+cont], o peso relativo da variante zero fonético chega a .90. Ao contrário de quando é [-cont], que chega a .02. Esse baixo índice devemos atribuir ao contexto em que o segmento é [+voz].

Assim, o falante paraibano que vai viver em São Paulo tem mais alta probabilidade de levar consigo um rótico aspirado e, fonotaticamente, dependente do traço do segmento seguinte. Quando no contexto fonológico seguinte o segmento tiver um traço que seja [+cont], tende a apagá-lo.

Após apresentar a caracterização do rótico entre paraibanos, entendemos ser pertinente apresentarmos algumas informações sobre o mesmo segmento e suas variantes em São Paulo.

A diferença entre as variantes paraibana e paulistana é muito saliente e não é difícil ser percebida. Mendes (2010), em comunicação oral durante o Pluricentric Languages realizado em Braga, afirma que o rótico em São Paulo é pronunciado com maior frequência como tepe e, as vezes,

como retroflexa, variante que predomina no interior e que, na literatura, é caracterizada como marca do falar caipira. A respeito desse segmento, a tese de Leite (2010) faz uma excelente descrição, utilizando como amostragem dados de campineiros. Sua conclusão é a de a variante retroflexa pode ser considerada como a marca do falar dessa região.

Entre os paulistanos que se consideram cosmopolitas, a variante retroflexa é estigmatizada; e também o é a variante aspirada que o paraibano leva consigo, por ser característica do falar nordestino e se aproximar da variante velar encontrada entre cariocas. O que supomos é que isto esteja na consciência do paulistano, mas não na consciência do paraibano.

Tendo em vista que o rótico paulistano, em geral um tepe, é pouco produtivo na Paraíba, tem o falante paraibano consciência dessa diferença? Em caso afirmativo, qual sua atitude em relação a esse uso? Como se dá o processo de acomodação? Ele realmente acontece ou o falante se mantém fiel a seu uso nativo?

3. PARAIBANOS EM CONTATO COM PAULISTANOS

Nesta seção analisaremos excertos de quatro entrevistas das doze que foram realizadas com paraibanos residentes em São Paulo (capital) há mais de cinco anos. Os informantes estão assim caracterizados:

Informante 01

Sexo: Masculino

Idade: 30 anos, mora em São Paulo há 15 anos.

Escolaridade: Ensino Médio incompleto.

Informante 02

Sexo: masculino

Idade: 35 anos, mora em São Paulo há 22 anos.

Escolaridade: Ensino Médio completo.

Informante 03

Sexo: Feminino

Idade: 52 anos, mora em São Paulo há 16 anos.

Escolaridade: Ensino Fundamental I incompleto.

Informante 04

Sexo: Feminino

Idade: 45 anos, mora em São Paulo há 5 anos e 10 meses.

Escolaridade: Ensino Superior.

Retomando a análise de Mendes (2010), alguns pontos merecem destaque. Sua constatação, a partir da análise dos doze informantes que compuseram sua amostra, é que, em geral, após cinco anos de residência em São Paulo, os paraibanos demonstram reter a variante aspirada, mas fazem uso, mesmo que esporadicamente, da retroflexa e também do tepe. Sendo a retroflexa mais presente entre os falantes do sexo feminino. Para ele, isto deve ser uma indicação de que a variante retroflexa é mais forte do que os paulistanos gostariam que fosse.

Com base nessa constatação, nossa análise vai em outra direção. Acreditamos que o predomínio da retroflexa entre paraibanos em detrimento do tepe deve-se ao fato de ser a primeira mais saliente do que esta última, e, além disso, devemos levar em consideração que, entre paraibanos, a retroflexa é mais produtiva.

Empiricamente, temos testemunhado que, para o falante paraibano, principalmente aquele de grupo social menos favorecido, a identificação com o paulistano está na acomodação ao seu rótico, só que ele não distingue entre retroflexo e tepe, optando, na maioria das vezes, pelo que é mais saliente, no caso, o retroflexo.

As entrevistas versaram sobre temas bem gerais, e, no final, tiveram questões voltadas para aspectos relacionados à língua. Como nosso objetivo é tratar do estilo, selecionamos partes em que o(a) falante utiliza a língua mais formalmente nos moldes de Labov (1966).

A primeira proposta sobre estilo apresentada na seção 1 é a de Labov (1966), segundo a qual o estilo é definido em função da atenção prestada a fala. A fim de implementá-la, procuramos selecionar excertos das entrevistas que permitisse aplicar o modelo arbóreo de Labov (2001). Detivemo-nos naquele voltado para a avaliação que o falante faz em relação ao uso da língua, uma vez que tal julgamento, na perspectiva de Labov, caracterizaria o estilo de fala cuidado, e, conseqüentemente, o falante estaria se monitorando. Com isso, testamos a hipótese de que o falante paraibano ao monitorar-se utilizaria a variante do rótico que para ele seria de mais prestígio e encontrada em São Paulo (capital), no caso o tepe, substituindo a variante aspirada característica do falar paraibano.

O que constatamos da análise realizada é que, mesmo no estilo considerado formal, o falante não altera seu uso. Nos quatro informantes observados, o uso da variante aspirada é predominante. Com isso, o fato de o falante prestar mais atenção a sua fala não o leva a alterar o uso do rótico para um tepe, mesmo que este seja a marca do paulistano. Esse

aspecto segmental nem sempre é levado em consideração. Há algo mais geral que faz com que ele valorize o falar paulistano, como podemos depreender a partir do que apresentamos nos recortes a seguir.

Questionado sobre o sotaque que ele mais gosta, vejamos o que o Informante 01 responde:

Eu acho que assim... eu não... o que eu gosto mais do sotaque é do paulista, porque eu acho que o paulista fala malh/ melhor, fica até mais fácil de você até falar com uma pessoa que fale melhor, que você entende mais
Eu acho que os paulista fala melhor, mais bem explicado, o pessoal nordestino que vem lá pra cá não tem muito... tem de aprender muito ainda né
Aqui, o cara ainda fala mais certo, não tem como

Em nenhum momento ele faz referência a uma marca segmental. O falar melhor para ele deve estar relacionado ao fato de comunicar-se com mais clareza e, talvez, dominar determinados assuntos.

Sobre o sotaque da Paraíba, ele o considera marcado, como podemos verificar abaixo

O sotaque da Paraíba pra quem vive lá é uma língua muito puxada, eles falam... um jeito puxado que a gente aqui a gente não utiliza muit né... e conforme você... vem pra cá há bastante tempo, claro que nunca você deixa de ter o sotaque, um pouco, você conversando com a pessoa que é de lá, você sabe que a pessoa é de lá, foi de lá, não tem como, mas é um sotaque puxado, esquisito, até esquisito de... se reproduzir na verdade, como eles ta lá, minha mãe sempre fala que hoje em dia eu falo bem melhor, diferente, que ela não entende, ixi quando eu falo pra ela é uma confusão

Em nenhum momento aparece referência ao rótico. Mas quando o entrevistador indica-lhe algo para ele nomear, no caso a “porta”, imediatamente ele demonstra ter consciência das diferentes variantes, mas não consegue distinguir qual efetivamente é a paraibana e qual é a paulistana:

Ah, chamo po[h]ta, po[r]ta... ce pode... pó[r]ta, pó[r]ta é lá na Paraíba mesmo né, lá é po[r]ta, aqui a gente fala po[r]ta, po[h]ta.

Mesmo com o entrevistado questionando como é na Paraíba, o informante se confunde:

Aqui a gente chama de pó[h]ta mesmo né, dá no mesmo pó[r]ta, pó[h]ta, carioca chamaria po[x]ta, mas como na Paraíba você ainda sente, você tem um sotaque, pó[r]ta, não tem como não chamar.

Novamente o entrevistado questiona, dizendo acreditar que na Paraíba se falava pó[h]ta, o informante retruca:

Não fala porque lá as pessoa fala mais arrastado, o pessoal fala pó[r]ta, as pessoa fala totalmente errado e... e pra ele ta normal.

Duas observações merecem ser feitas aqui: (a) o informante, embora confunda as realizações paraibana e paulistana, não confunde a carioca, que é uma variante velar. Em outra parte da entrevista ele menciona que o carioca fala mais “chiado”, ou seja, mais fricativo; (b) para o entrevistado, o falar paraibano é mais errado do que o paulistano, o que demonstra sua estigmatização em relação ao falar que ele já considera estar distante, pelo fato de não mais morar lá, deixando explícita a sua mudança de identidade.

Em relação ao Informante 02, observamos que ele também não percebe o rótico como uma marca diferenciadora entre os falares, até o momento em que é solicitado nomear a “porta”. Assim ele responde:

Ah! Ó, isso isso entra, éh éh, a variação de de, a variação linguística né? Então, pra... lá no nordeste é pó[h]ta... pó[h]ta.

Aí São Paulo, São Paulo já aprendi, éh éh...p/ a gente vai chamar éh pó[ɾ]ta, né, pó[ɾ]ta.

É, então, assim, lá é po[h]ta, pó[h]ta mesmo. E... aqui é pó[ɾ]ta. Assim, é que (vo)cê fala rápido mas às vez(es) eu consigo falar pó[ɾ]ta.

É, pó[ɾ]ta, (...) vai... éh éh, tem tem outras coisas, quer ver? Éh... go[ɾ]dura, lá chama go[h]dura, aqui é go[ɾ]dura. Então...

É, go[ɾ]dura, go[ɾ]dura éh éh existe lá, na/ gordura, eles têm uma pronúncia o o fixada no no no centro, gordura, Aqui (..) como gordura, gordura, aí tem tem várias éh expressão, mas tem umas palavra que que confunde muito na... aqui e lá. É como eu te falei, tem aquela coisa da do ser humano, da (...), éh rejeito, quer ver mais? Caixa de peito. Éh...

Ao contrário do Informante 01, este informante distingue as duas variantes, só que ele identifica a paulistana como a variante retroflexa, não como o tepe. Ele consegue dar outro exemplo ‘gordura’, valendo-se da mesma posição da coda.

A Informante 03 não consegue distinguir as duas realizações associadas ao item “porta”, mesmo quando solicitada pelo entrevistador: Informante 03

Ah... é a pó[h]ta

A porta ... lá a gente chama pó[h]ta, né, não sei como é pó[h]ta, né

Não é pó[h]ta também?

Ah...eu acho que é igual, né?

É pó[h]ta, né

Para ela, paraibanos e paulistas falam da mesma forma, demonstrando não ter consciência alguma da variação existente. Como vimos, ela tem apenas o Fundamental incompleto, o que denota pouca escolaridade. Será que poderíamos afirmar não ter ela também consciência acerca do que pode estar mudando em termos linguísticos?

A passagem a seguir, embora não seja relacionada ao nível fonológico, entendemos responder afirmativamente essa questão:

Documentador: Porta... É, como você fala quando, por exemplo, você fala “eu a minha filha”... Você fala “a gente limpa a casa” você fala mais assim “a gente limpa a casa junto” ou você fala mais “nós limpamos a casa junto”?

Entrevistada: Ah... às vezes eu limpo, nós limpa, mas às vezes quem mais limpa a casa são elas, né.

Documentador: Elas?

Entrevistada: É elas porque elas gosta de limpa, né

Documentador: Elas gostam mais?

Entrevistada: É, elas limpa mais que eu, é difícil eu limpar a casa assim, sempre é elas, né, que limpa...

Documentador: E quando você tem que falar alguma coisa assim que ...

Entrevistada: Eu cuido mais da parte da comida, né

Documentador: Você gosta de fazer?

Entrevistada: Eu não gosto mas não tem jeito, né

Documentador: Tem que fazer...

Entrevistada: É, tem que fazer...

Em momento algum ela demonstra saber a respeito do que o documentador está falando. Apesar da pouca consciência pontual acerca dos aspectos fonológico e sintático apresentados, a Informante consegue avaliar a diferença entre o falar paraibano e o paulistano, mas essa avaliação não está no plano segmental, como podemos perceber a seguir:

Documentador: Você acha bonito o sotaque da Paraíba?

Entrevistada: Não, é feio, né? (risos)

Documentador: Você acha feio, por quê?

Entrevistada: Sei lá, o povo lá fala muito estranho, só quando eles chega aqui que muda um pouco, né, tem gente que muda, outros não, continua do mesmo jeito, falando do mesmo jeito, né, as fala deles lá são mais estranha daqui, né.

Documentador: Você acha?

Entrevistada: São mais diferente, é.

Documentador: Você acha o de São Paulo mais bonito?

Entrevistada: É, eu acho mais bonito é o daqui, né...

Suas respostas levam a crer que a diferença está na prosódia, uma vez que ela não tem consciência das diferenças presentes na estrutura.

Por último, avaliamos a Informante 04. Ela tem nível superior completo, e, diferente dos Informantes 01 e 03, apesar de gostar mais de seu sotaque, acha todos os outros muito interessantes, cada um com suas peculiaridades. Ela tem consciência da variação entre eles, como podemos verificar ao ser indagada sobre qual sotaque mais gosta:

Ah o meu (risos). R. eu acho inclusive ontem eu tava conversando com uma amiga minha eu acho que todo sotaque tem uma beleza o que eu acho mais lindo no Brasil é essa mistura de sotaque. Olha lá no nordeste eu falo de um jeito o recifense fala de outro o cearense fala de outro o baiano não é uma riqueza? O gaúcho eu cheguei aqui fui trabalhar com um menino que é realmente gaúcho eu nunca tinha visto um gaúcho ao vivo quando eu disse liguei pra cá “P. eu to trabalhando com um rapaz que ele é gaúcho” aí ele “Vocês se entendem?” Entende perfeitamente só que é um sotaque lindo o sotaque do pauli o paulistano mesmo quase que a gente não sente muito sotaque né? Mas no interior quando eu trabalho lá em São Carlos ai que coisa linda né? Ele tem um sotaque bonito o pessoal uma mineirinha que é minha amiga que mora aqui também ela com aquele sotaque eu gosto de ouvir ela falar sabe aquele sotaquzinho dela eu acho tudo bonito

Ao ser questionada sobre a característica mais marcante do falar paulistano, ela não titubeia e responde:

É o r que tem o som de [r] né? É por exemplo po[r]ta né que eu digo po[h]-ta ai aqui diz po[r] né?
É o ‘r’ que eu acho que é mais acentuado.

A Informante, como podemos perceber, demonstra consciência da variação entre os dois falares. Em sua entrevista, entretanto, em momento algum ela substituiu a sua variante aspirada paraibana pelas encontradas em São Paulo; uma forma, talvez, de marcar sua identidade.

Em termos gerais, essas observações levam-nos a constatar que mesmo com atenção prestada a fala e, em alguns momentos, conscientes das variações, pelos menos para os Informantes 01, 02 e 04, não houve alteração de uso da variante observada. O estilo cuidado, como poderíamos caracterizar as passagens observadas, não condiciona a seleção de uma variante que poderia ser de maior prestígio pelo fato de ser paulistana.

Nossa constatação é que a proposta laboviana para estilo não se aplica indistintamente a qualquer corpus levantado e a todo e a qualquer fenômeno linguístico.

Quanto à aplicação da proposta de Bell (1980), percebemos que há uma preocupação por parte de alguns dos informantes com outros ouvintes, que poderiam ser identificados como ouvintes conhecidos, mas não ratificados no momento da entrevista e até com ouvintes não conhecidos e não ratificados. O entrevistado demonstra cuidado, tentando aproximar sua maneira de falar da que ele acredita ser o falar paulistano. Ele não assume a sua preocupação com o destinatário direto, mas com ausentes. Ele acredita poder ser julgado com base na sua maneira de falar.

A proposta de Eckert (2000), que trata a relação variação/estilo associada à comunidade de prática, sabemos merecer uma metodologia cuidadosa, mas é possível encontrarmos depoimentos que a ratificam, como este do Informante 02:

Exatamente, mas aí aquela coisa, é você... que tem aquela, a *a minha variação em casa é uma e aqui é outra*, mas você chega uma hora que você tem que falar... a tua, do do teu jeito, desde que seja correto, né. Que é claro, tem, conhece palavras que significa várias palavras, então é o seguinte, eu falo do meu jeito desde que seja correto, claro dou uma pensadinha e falo o o correto, e não tenho vergonha, o eu antigamente eu tinha, sentar assim (es)ta(r) conversando com você, com algum professor, e o que me ajudou foi participar dessas comissão, dessas coisa, ter chefe de de, da todas as áreas (tosse). Então, éh, outro sotaque, então você vai, (vo)cê vai prestando atenção e isso eu tenho melhorado muito a forma de de, sabe, de linguisticamente (es)ta(r) conversando entre professores, às vezes, assim em casa eu (es)to(u) conversando, olha “mas que é isso que (vo)cê (es)tá falando?” (...), assim, aí eu volto (tosse), mas é muito bom isso.

Ao mudar de comunidade de prática, nos moldes de Eckert (2000), ele altera a sua forma de falar. E pela forma como ele coloca, é algo bem consciente. Poder usar a língua de forma diferente em situações diferentes contribui para a construção da sua *persona*, este é o significado social da variação. Com isto, entendemos que a concepção de estilo não pode estar atrelada apenas a uma perspectiva.

Essa e as observações anteriores mostram-nos como a fala está subordinada a uma série de interesses. Ser aceito na comunidade em que está inserido é um desses. E isso molda comportamentos positivos e negativos em relação ao uso de uma ou outra variante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que empreendemos em relação aos róticos, procurando avaliar seu uso por falantes paraibanos que vivem em São Paulo (capital) há mais de cinco anos, mostra-nos que a hipótese de que o falante paraibano que reside em São Paulo, ao ser monitorado, altera o uso do rótico, mudando-o de aspirado para tepe, por entender ser este último marca de prestígio, não se confirma. Isto significa que, mesmo em trechos da entrevista que refletem uso de fala cuidada, não há alteração de uso. Assim, a atenção prestada a fala preconizada por Labov (1966) para avaliar o estilo não se aplicaria nesse caso.

A avaliação de excertos da entrevista nos leva a concluir também que o falante paraibano nem sempre tem consciência das variantes associadas ao rótico. Apenas os informantes com Ensino Médio completo e Ensino Superior conseguiram identificar a diferença; os outros dois nada perceberam.

Quanto à atitude do falante em relação ao falar paraibano, interessante observar que os de menor escolaridade são os que mais o estigmatizam, avaliando-o negativamente. Porém, tal avaliação não se prende exatamente ao rótico, mas há algo que eles não conseguem identificar, e que acreditamos estar associado à prosódia.

Uma das questões que levantamos ao longo do trabalho é se o falante se mantém fiel ao uso nativo. Constatamos que os que têm consciência da variação mantêm a identidade com seu falar nativo. Quanto aos outros dois, fica difícil avaliar apenas com esses dados.

Acreditamos que, apenas observar, na entrevista, a atenção prestada a fala não é suficiente para que avaliemos o estilo como uma das restrições sociolinguísticas que desempenhe um forte papel nos estudos variacionistas. Lançar mão de outras propostas, como as de Alan Bell, Finegan e Biber, Coupland e, mais recentemente, Penelope Eckert, pode ser uma possibilidade, como bem demonstrou parte de nossa análise em relação ao Informante 02.

Avaliar a língua a partir do estilo é vê-la contribuindo para criar o social, indo, assim, mais além do que vê-la apenas como seu reflexo. A po[r, ʀ]ta para os paraibanos pode significar a possibilidade de ter acesso a um grupo social que, distante no início, passa a ser o seu grupo, e a língua pode ser o *ticket* necessário ao ingresso, deixando para trás a po[h]ta que aos poucos vai sendo deixada de ser referência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bell, Alan. 1984. Language style as audience design, *Language in Society* 13, 2: 145-201
- Callou, Dinah; João Antônio de Moraes e Yonne Leite. 1996. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil, em I. G. V. Koch (Org.), *Gramática do Português Falado*, VI: Desenvolvimentos, Campinas, Ed. da UNICAMP/FAPESP.
- Carvalho, Lucirene da Silva. 2008. *Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista no falar piauiense*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística), Universidade Federal da Paraíba.
- Chambers, J. K. 1995. *Sociolinguistic theory*, Oxford, Blackwell.
- Coupland, Nikolas. 1980. Style-shifting in a Cardiff Work-setting, *Language in Society* 9, 1: 1-12.
- Coupland, Nikolas. 2007. *Style: language variation and identity*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Eckert, Penelope. 2000. *Linguistic variation as social practice*, Oxford, Blackwell.
- Eckert, Penelope. 2005. *Variação, convenção e significado social*, Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America, Oakland CA. Jan. 7, 2005.
- Finegan, Edward and Douglas Biber. 1994. Register and social dialect variation: an integrated approach, in D. Biber and E. Finegan (Eds.), *Sociolinguistic perspectives on register*, Oxford, Oxford University Press: 315-347.
- Hora, Dermeval da. 1993. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba-VALPB*, cd-room.
- Hora, Dermeval da e Valéria Monaretto. 2003. Enfraquecimento e apagamento dos róticos, in D. da Hora e G. Collischonn, *Teoria linguística: fonologia e outros temas*, João Pessoa, Editora Universitária: 114-143.
- Labov, William. 1966. *The social stratification of English in New York City*, Washington, DC, Center for Applied Linguistics.
- Labov, William. 2001. The anatomy of style-shifting, in J. R. Rickford and P. Eckert, *Style and sociolinguistic variation*, Cambridge, Cambridge University Press: 85-108.
- Leite, Cândida Mara Britto. 2010. *O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas.
- Mendes, Ronald Beline. 2010. *What /-r/ you saying? Retroflex /-r/ in the city of São Paulo*, Programa e Resumos. Congresso Internacional Pluricentric Languages, Braga: 115-116.
- Monaretto, Valéria Neto de Oliveira. 1997. *Um reestudo da vibrante na fala do sul do país*, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Tese.
- Monaretto, Valéria Neto de Oliveira. 1997. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação.

- Rickford, John R. and Penelope Eckert. 2001. *Style and sociolinguistic variation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Skeete, Nadir Arruda. 1996. *Análise variável da vibrante na fala de João Pessoa*, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, Dissertação.
- Weinreich, Uriel; William Labov and Marvin I. Herzog. 1968. Empirical foundations for a theory of language change, in W. Lehmann and Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press: 97-195.